

Telejornalismo de brechas

A luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas

ALFREDO EURICO VIZEU PEREIRA JÚNIOR

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-6469-7829>

ANA PAULA GOULART DE ANDRADE

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0003-0414-1305>

FABIANA SIQUEIRA

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0001-9378-5035>

LAERTE JOSÉ CERQUEIRA DA SILVA

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-5243-640X>



Brasil continua entre os países mais desiguais do mundo (Sasse, 2021). Dados de um relatório de pesquisadores da Rede de Observatórios da Dívida Social na América Latina (RedODSAL) e do Observatório das Metrôpoles, do Laboratório PUCRS-Data Social, com informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua, do IBGE, divulgados em abril de 2023, mostraram que os mais ricos encerraram 2022 ganhando 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas do país (Catto, 2023).

Em maio de 2023, o próprio IBGE divulgou um novo estudo que revelou um recuo da desigualdade no ano de 2022. De acordo com a pesquisa, o aumento do valor do Auxílio Brasil, programa de transferência de renda, turbinado no ano eleitoral, e a melhora do mercado de trabalho foram responsáveis pelo pequeno crescimento. Apesar da redução, os pesquisadores lembraram que entre 2021 e 2022, a distância de rendimento dos ricos e pobres continuou imensa, com uma maioria absoluta do país formada por aqueles que têm a menor renda, quando têm essa renda.

Os números mostraram, como registrou reportagem do portal **g1**, “que o chamado índice de Gini do

Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo :

Alfredo Eurico Vizeu Pereira Júnior, Ana Paula Goulart de Andrade, Fabiana Siqueira, Laerte José Cerqueira da Silva « Telejornalismo de brechas: a luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.562>



rendimento domiciliar per capita, indicador de desigualdade” – diminuiu de 0,544 em 2021 para 0,518 em 2022. Esse índice vai de 0 a 1 ponto e quanto mais próximo de 1, maior é o índice de desigualdade. Antes da pandemia era 0,544. Depois, em 2022, foi registrado que “entre os 5% mais pobres, a renda média mensal per capita era de R\$ 87”. No outro extremo, “no grupo situado entre os 95% e os 99% mais ricos, o crescimento da renda foi de 0,5%, para R\$ 6.882” (Valor Online, 2023).

As pequenas variações, resultado de políticas emergenciais, mantiveram evidentes disparidades. As tabelas de resultado mostram um país com população pobre e, conseqüentemente, carente de serviços públicos básicos, com inevitável subtração também de direitos humanos básicos, tais como: moradia, serviços de saúde, educação de qualidade, segurança para ir e vir e salário suficiente para sobrevivência digna.

A materialização desses números na vida real revela que há um campo fértil para o trabalho do jornalismo comprometido com a transformação social, com a cobrança do cumprimento da Constituição Brasileira de 1988, com a busca pela justiça social e do bem comum. Uma fenda aberta diante da luta dos jornalistas para colocar no centro da agenda pública os problemas que atingem, duramente, a maioria da população do país. Mas não é simples. É difícil exercer o poder de resistência ao assédio político e econômico (Ruiz, 2008) presente no modelo jornalístico tradicional, que mantém ligações íntimas com quem coloca os interesses pessoais bem à frente dos interesses coletivos.

Neste artigo, entendemos que o jornalismo feito para telas, destacado por Emerim (2017), pode desempenhar um papel significativo quando se compromete a expor, revelar e exigir mudanças, de maneira pedagógica (Cerqueira, 2018a), por parte daqueles que negligenciam ou se omitem à proteção dos direitos humanos fundamentais dos cidadãos, contribuindo para ampliação/solidificação das desigualdades socioeconômicas brasileiras. Dito isso, a televisão forjada pelo que Williams (2016) chamou de “fluxo televisivo” em outrora, representando uma forma cultural de massa para atender às demandas da sociedade, a partir da construção social da própria realidade, atualmente, pode ainda mais ter o seu poder de produção de conhecimento potencializado. Na medida em que se espraia para as mais diversas telas na contemporaneidade, contempla aquilo que Goulart de Andrade (2021) nominou como a “Era da telesfera”, em que os fluxos informativos obedecem a novos regimes de periodicidade (Fígaro, 2020). Assim, é possível “criar novos mundos e ocupar mais espaços no jornalismo para telas, por meio de novos valores-notícia difusores de conteúdos para diversos públicos, defendendo de forma mais ampla e demo-

crática a atividade jornalística audiovisual” (Goulart de Andrade, 2021, p. 98).

A questão, no entanto, não é apenas expandir o potencial de alcance, mas enfrentar na construção diária os conflitos de um campo. Bourdieu (1997, p. 57) nos rememora ao destacar que o campo jornalístico, da mesma forma que outros campos sociais, é um meio em que “há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças”.

No cotidiano das redações jornalísticas televisivas, existem diversos aspectos que influenciam diariamente o processo de definição do que vai se tornar ou não notícia (Traquina, 2005). Nem sempre aquilo que o jornalista propõe como assunto de interesse público, fora da lógica factual diária, é selecionado nas redações, pois há entraves, como conveniências econômicas e políticas do veículo de comunicação e normas editoriais que impõem barreiras. Existem ainda questões estruturais e financeiras que são determinantes na complexidade ou superficialidade na abordagem de alguns temas, aspectos de luta por espaço, audiência, exclusividade na divulgação das notícias e etc.

Este trabalho parte de uma questão: como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras? Nosso objetivo é explorar o conceito que denominamos, em um primeiro momento, de telejornalismo de brechas: um dispositivo, uma maneira de vencer os obstáculos intencionais ou as barreiras orgânicas das redações, buscando espaço dentro do campo jornalístico, para levar ao conhecimento do público assuntos, temas, contextos, conflitos necessários ao entendimento das nossas injustiças sociais e desigualdades socioeconômicas.

É uma dimensão do trabalho jornalístico que exige dos profissionais deixar para trás a ideia de neutralidade absoluta, com técnicas chamadas de objetivas, como ouvir os dois lados, apenas. Mas é preciso exercer a subjetividade plena e necessária para assumir, com precisão, pluralidade, senso de justiça, causas que escancaram as desigualdades ilegítimas e inconstitucionais da sociedade brasileira. Dispositivo pavimentado no inconformismo, na luta, na resistência diária a caminho das mudanças necessárias para um país, no caso do Brasil, mais justo. Partimos, então, de uma hipótese: a de que entre os interesses econômicos e políticos da televisão comercial brasileira, é possível abrir brechas, a partir do trabalho dos repórteres, numa operação para aproximar a atividade do

interesse da maioria da população brasileira, atingida pelas desigualdades.

Nessa linha, a jornalista e professora Fabiana Moraes (2022) registra que a pauta é uma arma de combate e defende a ideia de jornalismo de subjetividade, causando um abalo nas crenças enraizadas do jornalismo sobre o que legitima a tomada de decisão profissional no complexo processo que faz um acontecimento virar notícia.

Para analisar o uso do dispositivo do telejornalismo de brechas foi utilizada como base as Teorias do Enquadramento e do Newsmaking. A noção de enquadramento noticioso foi aplicada a partir dos relatos das rotinas produtivas realizadas pelos repórteres Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi e Marcelo Canellas. Esses relatos usados no estudo foram obtidos com base em entrevistas concedidas por estes profissionais e disponibilizadas na internet (Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Marcelo Canellas), em textos de livros elaborados pelos mesmos (Sônia Bridi, Marcelo Canellas) e também por meio de entrevista semi-estruturada (Chico Regueira) aplicada pelos autores deste trabalho. O critério para a escolha desses relatos foi conter os depoimentos diretos feitos pelos repórteres das rotinas produtivas desenvolvidas pelos mesmos, sendo possível identificar o enquadramento noticioso.

ASPECTOS DA TEORIA DO ENQUADRAMENTO

Bateson foi quem primeiro trouxe luz ao termo enquadramento, mas em estudos voltados para a área de psicologia.

Para este autor [BATESON], enquadrar significa delimitar um conjunto de mensagens (ou ações significativas) que adquirem sentido na situação partilhada pelos interlocutores. É o enquadramento que nos permite, por exemplo, distinguir simulação de realidade; distinguir o jogo do seu referente real. (Gonçalves, 2005, p. 158)

No campo da comunicação, de acordo com Franciscato e Góes (2012), a aplicação da Teoria do Enquadramento foi intensificada a partir de 1970, período em que houve também um crescimento de estudos com olhar para o Agenda-setting e o Newsmaking. A abordagem da Teoria do Enquadramento “tem como ponto de partida a utilização da noção de frame como conceito analítico do discurso jornalístico e dos seus mecanismos de produção de sentido nas sociedades contemporâneas” (Gonçalves, 2005, p. 157).

Conforme Etman (1993, p. 52), “enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-

-los salientes em um texto comunicativo, de modo a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral ou recomendação de tratamento para o item descrito”.

Goffman (2012), em seu livro “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise” foi um dos precursores dos estudos na área de comunicação. Para o referido autor a noção de enquadramento está atrelada a resposta para a pergunta: “O que está acontecendo aqui?”.

Campos (2014) chama atenção para três conceitos de enquadramento voltados para o meio jornalístico: enquadramento noticioso, enquadramento interpretativo e enquadramento editorial. O editorial estaria relacionado aos “critérios editoriais de seleção, ênfase e distribuição dos textos sobre um dado tema no interior de cada edição publicada” (Campos, 2014, p. 386), os interpretativos tem relação com o que é produzido por atores sociais externos e o enquadramento noticioso envolve “os princípios de seleção e ênfase próprios da redação de uma notícia por um jornalista profissional” (Campos, 2014, p. 386).

Embora possa ocorrer uma sobreposição de outros enquadramentos ou frames no jornalismo, nosso foco neste estudo está em observar um deles, que é o enquadramento noticioso, por envolver o papel do repórter na escolha do assunto e do ângulo da notícia. Mas é importante compreender que o mesmo não atua isoladamente.

ESCOLHAS METODOLÓGICAS DOS SUJEITOS FALANTES

Conforme Machado (2003) no livro “A televisão levada a sério”, o telejornal é um dos gêneros televisuais mais conhecidos composto por muitas vozes. No embalo vocal anunciado por Machado, a escolha dos sujeitos falantes para compor o quadro analítico deste artigo foi desenvolvida seguindo os seguintes critérios: a) proximidade e atuação constante com/sobre o tema desigualdades sociais; b) resistência e representatividade nacional e c) força organizacional na cultura profissional dentro das rotinas produtivas do telejornalismo. Baseado no entendimento de que os repórteres selecionados possuem solidez profissional e dialogam com o tema sobre Direitos Humanos, optamos em selecionar falas que dessem relevo às inquietações aqui empreendidas, no que tange à proposição de telejornalismo de brechas. Assim sendo, a busca pelos relatos que compõem o corpus para análise televisual foi construída com base em entrevistas concedidas a associações acadêmicas e canais de debates, bem como o uso de produção editorial

Tabela 1 : *Jornalistas selecionados, relevância no telejornalismo e fonte dos relatos*

Jornalistas por formação	Relevância jornalística	Fonte dos relatos analisados
Bianka Carvalho	Premiada, possui pós-graduação em Direitos Humanos e atua na temática (Premio Roche, 2020).	Entrevista concedida à Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – Abraji. Em 22/06/2021: Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU .
Caco Barcellos	Possui diversas obras e prêmios sobre Direitos Humanos e atua em reportagens especiais (Memória Globo, 2021c).	Entrevista concedida ao jornalista Bruno Paes Manso. Em: 28/01/2020. Ver em: https://www.youtube.com/watch?v=IGZ4wPoKUY4 e em 28/02/2021 ao Ecoa uol: https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/#cover .
Chico Regueira	Atua no jornalismo com foco em Direitos Humanos e já conquistou prêmios (Memória Globo, 2023)	Entrevista concedida a uma das autoras. Em: 18/05/2021. Ver em: https://drive.google.com/file/d/1j5nuNqmoB1y-BAc_2xHEpliED_eEysXHH/view?usp=drive_link
Marcelo Canellas	Premiado e com atuação nas pautas sobre Direitos Humanos (Memória Globo, 2021b).	Memória Globo. Em: 12/01/2022. Ver em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml Canellas, M. (2008). Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. In C. Guilherme (Org.), <i>Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo</i> (pp. 104-114). Cortez Editora.
Sônia Bridi	Premiada e com destaque para reportagens especiais sobre Direitos Humanos (Memória Globo, 2021a).	Bridi, S. (2020). Lugar de repórter é na rua. In C. Emerim, A. Pereira, & I. A. Coutinho (Eds.), <i>A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia</i> (pp. 219-222). Insular.

vinculadas ao jornalismo, obedecendo os seguintes gradientes (Tabela 1).

Intentando compor uma similitude entre as falas dos jornalistas analisados, tendo como norte o empenho vinculado à temática das desigualdades sociais e, portanto, a abordagem de pautas que abrangessem esse teor, o esforço foi reunir relatos de naturezas distintas tendo como fio condutor as percepções dos profissionais em questão no tensionamento das rotinas produtivas.

Considerando as Teorias do Newsmaking e do Enquadramento, destacando a atuação e potência das vozes que compõem o corpus deste trabalho, apresentamos pistas que apontam para a influência dos jornalistas na cultura profissional e no resultado do produto televisual. Sendo assim, focalizamos nas seguintes categorias: 1) a figura do(da) repórter como interventor(a) social e organizacional na escolha dos acontecimentos noticiáveis; 2) prevalência da visualidade e produção de sentido a partir de uma linguagem inclusiva, plural, democrática e diversa; 3) proposição de novos valores-notícia para a disputa à esfera pública dos acontecimentos e 4) reorganização de enquadramento das molduras temáticas como dispositivo de

força e forma de combate para garantia de direitos e cidadania.

Antes de detalharmos outros aspectos metodológicos deste artigo, cabe, primeiramente, ressaltar algumas questões que serviram de referencial teórico para chegarmos à construção conceitual dessa prática.

A DINÂMICA DAS REDAÇÕES

Neste trabalho, enxergamos os jornalistas como produtores de conteúdo informacional dentro de um sistema de produção de informação que tem regras próprias, conflitos e interesses políticos e econômicos, estão submetidos às pressões internas e externas, por isso, acreditamos que é necessário trazer um pouco do referencial teórico sobre o Newsmaking, como suporte.

Neste teoria, que deseja responder porque as notícias são como são, sem considerá-las um espelho límpido da realidade, ou decisão meramente intencional, é preciso levar em conta o impacto massivo, os constrangimentos organizações, linhas editoriais, valores-notícia, audiência e dinâmica de produção nas redações (Wolf, 2003).

Para (Wolf, 2003), as exigências organizativas e estruturais e as características técnicas próprias de cada veículo são determinantes na reprodução da realidade que é fornecida ao público. Para tanto, leva-se em conta na construção da realidade jornalística, segundo Wolf (2003), a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e os processos produtivos. O autor recorre à socióloga Gaye Tuchman (1983), uma das mais respeitadas estudiosas da teoria, que destaca que a produção da notícia é fruto de organização da rotina, com procedimentos próprios e limites organizacionais que ampliam ou reduzem o olhar sobre os fatos. Um trabalho para lidar com a superabundância dos fatos.

Na descrição sobre a teoria, Pena (2005) destacou que, a partir do Newsmaking, observa-se que embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, ele não tem autonomia incondicional, mas é submetido e limitado a um “planejamento produtivo” (Pena, 2005, p. 129).

Vizeu (2014) em estudo sobre a forma que telejornalistas decidem o que vai ao ar, ressaltou que na produção de notícias há, de um lado, a cultura profissional e do outro as restrições ligadas à organização do trabalho “sobre as quais são criadas convenções profissionais que definem a notícia e legitima o processo produtivo [...] estabelece-se assim um conjunto de critérios de relevância que definem a importância de cada episódio do real” (Vizeu, 2014, p. 71).

O autor puxa a questão para colocar no centro do debate um ponto que é caro à Teoria do Newsmaking, a noticiabilidade. Um conjunto de critérios, segundo Wolf (2003), operações e instrumentos com os quais os jornalistas enfrentam a tarefa de escolher entre um número incontável de fatos que podem ser noticiados. Os critérios, por sua vez, são compostos por valores/notícias, que a cultura profissional e a dinâmica estrutural e editorial consideram fundamental existir, com objetivo de fortalecer a capacidade de ir para vitrine dos órgãos de informação.

Pena (2005) lembra de algo que é importante e que é trazido neste estudo. Ele reflete que a rotinização do trabalho, o processo de produção e a cultura jornalística não devem ser encaradas como deterministas, pois são uniformes, mas imutáveis. “Há espaços de manobra para os jornalistas e eles estão localizados na interação dos agentes sociais” (Pena, 2005, p. 132).

O NASCIMENTO DAS ‘BRECHAS’

O jornalismo, como uma instituição central (Rodrigo-Alsina, 2009) no acompanhamento das atividades dos poderes do sistema democrático, tem a responsabilidade de apurar a efetividade dessas ativi-

dades na prática, tendo em vista que, quando são implementadas adequadamente, promovem e garantem os direitos humanos básicos, que desempenham um papel fundamental na redução das desigualdades sociais e econômicas. Quando isso não ocorre, o jornalismo deve iluminar as distorções, afinal, já demonstrou que quando feito em prol das coletividades, ocupa um papel relevante na imagem que constrói da realidade, na defesa da democracia e no exercício da cidadania (Vizeu, 2014).

Compreendemos que a cobertura telejornalística pode contribuir para o debate e aprofundamento da reflexão sobre omissões, distorções e simplificações de questões que geram injustiças sociais e desequilíbrios, privando uma parcela significativa da sociedade de ter seus direitos assegurados. Canela (2008) ressaltou que os veículos de comunicação, incluindo o jornalismo televisivo, têm, historicamente, o potencial de amplificar reivindicações e exigir a implementação de políticas que influenciam a pauta, a forma como as informações são construídas, promovendo o controle social, colaborando para a qualidade e o “desenvolvimento humano” (Canela, 2008, p. 24). Bucci (2008) argumenta que para desempenhar essa função de maneira mais eficaz, a imprensa precisa exercer um papel fiscalizador, de limitar o poder e vigiar, pois, dessa maneira, não deixa de analisar os desequilíbrios com atenção e as negligências do poder público

Assim como Motta (2008), lembramos que a questão da desigualdade social é muito evidente no Brasil. Portanto, conforme o autor, é crucial despertar uma consciência pública em relação às necessidades do nosso povo, priorizando e enquadrando assuntos relacionados ao desenvolvimento humano e social. As instituições sociais precisam colocar essas questões no centro da agenda, inclusive a mídia. Segundo Motta (2008), pesquisas realizadas em vários países demonstram que o jornalismo tem capacidade reduzida de convencimento, não tem o poder de determinar como pensamos, porém possui enorme potencial para estabelecer sobre o que pensamos, sobre quais são as nossas prioridades. “O jornalismo transfere relevância, direciona a atenção, hierarquiza e fixa os temas que o público vai discutir. É a mídia que os coloca em cena, prioriza, amplifica ou omite as questões que a sociedade irá focalizar ou ignorar” (Motta, 2008, p. 335).

Nesse contexto, reforçamos nossa visão de que o telejornalismo desempenha uma função significativa ao expor desequilíbrios, denunciar e exigir transformações, de maneira pedagógica (Cerqueira, 2018a), ao expor aqueles que são os responsáveis por negligenciar os direitos humanos básicos que deveriam ser assegurados aos cidadãos. No entanto, essa tarefa nem sempre é fácil, pois muitas vezes é necessário confrontar interesses organizacionais, editoriais, políticos e supe-

rar obstáculos financeiros, estruturais, impostos pelas rotinas de produção.

Em entrevista a Cerqueira (2018b), Carlos Miguel Ruiz Caballero critica a censura empresarial e alerta para o poder “descontrolado” exercido pela mídia. Segundo ele, nas democracias liberais, o poder político aprendeu que para se legitimar tem que chegar a algum tipo de acordo com os meios de comunicação e esse tipo de acordo “resulta em cumplicidade midiática com o poder” (Cerqueira, 2018b, p. 166).

Uma relação vista pelo pesquisador como prejudicial ao olhar descolado de interesses de grupos empresariais e políticos que, muitas vezes, vão de encontro aos interesses dos menos desfavorecidos. As brechas nascem de sentimentos de inconformismo nas redações, de regras cristalizadas na linha editorial, em abordagens com foco publicitário, direcionados mais pelas pressões políticas e econômicas e menos pela função social de construção da realidade por meio da atividade jornalística. As brechas são fissuras naturais da prática e das redações, pelas quais jornalistas mais comprometidos (e mais dispostos a lutar) com a complexidade das questões sociais, dos direitos humanos negados, encontram o caminho para furar certas barreiras deliberadamente impostas pelas barreiras impostas e involuntárias da mídia comercial, comprometida com a manutenção de privilégios às custas da maior parte da população, ou pelos processos produtivos indexados à rotina, como, por exemplo, a falta de estrutura, equipamento, recursos financeiros e humanos. A partir dela é que se forma um novo enquadramento noticioso, que surge em sobreposição a outros enquadramentos.

Nos dicionários (Michaelis, 2023; Priberam, 2023), a palavra brecha é descrita como um substantivo feminino que significa qualquer abertura numa superfície, um espaço vazio ou lacuna. Também pode ser entendido por espaço não preenchido ou circunstância oportuna, ocasião, ensejo ou possibilidade.

O telejornalismo de brechas trazido à tona, neste trabalho, é visto como a produção que nasce da capacidade do jornalista de, nesse modelo de produção capitalista da notícia, com amarras político-econômicas, cobranças do ecossistema multitarefa, encontra caminhos para tornar o polo social da atividade protagonista na produção do noticiário. Encontra a circunstância oportuna, a ocasião propícia para transformar a “pauta em arma de luta” (Morais, 2022), na linha de defesa dos que não têm acesso digno à saúde, habitação, ao saneamento básico, à renda mínima para viver dignamente, à segurança de ir e vir na rua ou bairro onde mora.

Seria ingênuo supor, por exemplo, que nos grandes grupos de mídia brasileiros - oligopólios tradicionais e monopólios digitais - ou portais locais e nacionais financiados pelo poder público e/ou grandes com-

panhias, as pautas que vão de encontro aos questionamentos do status quo, dos interesses empresariais, têm trânsito livre. Mas seria leviano dizer que na busca de imagem de compromisso social não haja nenhum espaço para criar fraturas necessárias para o fortalecimento da relação de confiança e credibilidade entre agentes de mídia e grupos silenciados pela desassistência ou omissão do estado.

Ao tratar sobre a teoria organizacional no jornalismo, Breed (2016) reflete sobre o peso da orientação política e editorial no que vira notícia. Lista alguns dos motivos que levam os jornalistas a evitar o conflito com a linha de pensamento e relações que pesam na produção de notícias nas empresas. Entre eles, a autoridade institucional e sanções aos profissionais que não seguem a linha, os sentimentos de obrigação e estima para com os superiores, as aspirações de mobilidade.

O autor, no entanto, lembra que entre os conformismos há situações que permitem os desvios. A nosso ver, há situações que permitem as fraturas, as brechas que os jornalistas podem entrar para desmontar barreiras editoriais e propor temas específicos, muitas vezes invisibilizados, carentes de uma boa argumentação, um momento ideal para serem aceitos.

Breed (2016) lembra que nem sempre as políticas editoriais são completamente claras. “A política editorial é dissimulada por natureza e tem um largo raio de ação” (Breed, 2016, p. 226). Jornalistas, segundo ele, podem utilizar os melhores conhecimentos para subverter a política editorial e dar o enquadramento que desejam aos vários elementos possíveis. Podem, conforme Breed (2016), explorar a ignorância dos executivos para encaixar, no momento certo, a boa história, que também está sendo explorada pela concorrência. Na lista de “desvios” às imposições organizacionais, Breed (2016) destaca o estatuto de estrela que muitos profissionais possuem. Esse ‘lugar’ dá aos jornalistas mais força de argumentação para passar pelas brechas e encontrar caminho no enquadramento noticioso.

O telejornalismo de brechas, refletido neste espaço, não deve ser entendido como uma atividade nova dentro da produção jornalística para as telas. É fruto de um trabalho que nasce de um olhar diferenciado sobre a realidade, com percepção diferenciada sobre a necessidade de executar e colocar na agenda pública, em forma de reportagens e debates, temas que conflitam com interesses empresariais, mas são fundamentais para a sociedade. Ou que, mesmo com todo o ambiente editorial favorável, podem ser freados por dificuldades de infraestrutura, financeiras ou de recursos humanos.

Estamos falando de comportamento, perseverança, resiliência, estratégia para usar a arma jornalística, a pauta e suas várias formas de abordagem, para en-

contrar as brechas, explorar e criar novos quadros e possibilidades de pequenas aberturas do sistema midiático capitalista e pós-industrial. Nessa jornada, e chamamos assim porque para muitos a insistência em busca de espaço é de anos, o espírito emancipador e comprometimento do repórter é fundamental. É deles que vamos falar agora.

O PAPEL DE MARCELO CANELLAS E SÔNIA BRIDI EM CENA

Marcelo Canellas é um repórter brasileiro reconhecido pelo trabalho envolvendo problemas sociais e também um dos profissionais mais premiados do país. Em um livro elaborado pelo mesmo (Canellas, 2008), ele disse compreender a sociedade como um organismo que, por possuir partes que estão doentes, necessitam de tratamento. Já a imprensa tem o dever, por sua vez, de mobilizar esforços no sentido de reconhecer essas partes enfermas e buscar a cura (Andrade et al., 2021).

O repórter relatou também que é impossível discutir, na imprensa, a pauta social sem separar “o fatalismo dogmático que nos condena a acreditar que a felicidade só é permitida a alguns, como conquista individual dos mais capazes, e que não há saída fora de uma competição em que antes da largada já se conhecem os vencedores” (Canellas, 2008, p.105). O referido jornalista ressalta ainda que, na sociedade, alguns possuem todas as condições favoráveis, enquanto outros são forçados a competir em desvantagem, saindo alguns passos atrás. A imprensa, portanto, necessita destacar que, se a competição é uma obrigação, há a existência de desigualdades estruturais nela. Nesse tema, Canellas fala justamente na necessidade de fazer um enquadramento de uma perspectiva diversa à da simples vitória por mérito. Entendimento mais comum aos que condenam, por exemplo, políticas públicas afirmativas na educação. É a saliência do texto comunicativo registrada por Etman (1993) quando define o enquadramento.

Outro ponto levantado pelo jornalista em relação à abordagem da agenda social diz respeito aos limites entre transformar a atividade jornalística em militância e, de outro modo, ser cobrado por ser imparcial. O jornalista enfatiza que a imprensa, ao conceder espaço para a agenda social, pressupõe reconhecer o ser humano como protagonista da história, cuja primazia ontológica é indiscutível.

Segundo ele, isso não possui relação com envolvimento partidário, pois “não embuça o jornalismo, não o submete, não lhe tira o rigor metodológico que amplia o saber pela via da busca pela exatidão” (Canellas, 2008). Quando pressionado a ser imparcial, Canellas argumenta que, ao focar nas questões sociais, estabe-

lecendo a agenda de debates e revelando as desigualdades, o profissional toma uma decisão consciente, atuando no enquadramento noticioso (Campos, 2014) ao acreditar na “vocação humanista do jornalismo” (Canellas, 2008, p. 110).

Em meio aos profissionais de TV, os repórteres desempenham um papel fundamental como testemunhas e contadores de histórias. Eles vão a campo para ouvir relatos, entrevistar pessoas e questionar quem está no poder. Inclusive durante a pandemia da Covid-19, esses profissionais continuaram executando essa função, atuando como mediadores de conteúdos captados pelos coprodutores (Siqueira, 2013) e por uma audiência potente (Mesquita, 2014), além de denunciar, sempre que possível, as disparidades sociais e os desafios ligados aos direitos dos cidadãos.

Em um livro envolvendo estudos na área de telejornalismo, a jornalista Sônia Bridi, que possui quase 40 anos de experiência na área, afirmou em um dos textos (Bridi, 2020) que, estando ou não nas ruas, os profissionais que desempenham essa atividade mantiveram-se ativos durante a pandemia da Covid-19. Destacou ainda que é o conteúdo, a precisão na apuração e a clareza da reportagem que definem o trabalho dos jornalistas que exercem esta função (Bridi, 2020).

E a apuração mencionada pela repórter citada acima envolve todas as etapas do jornalismo feito para telas, desde a elaboração da pauta até a exibição, passando pelas fases de coleta, seleção, edição e apresentação (Wolf, 2003). O repórter desempenha seu papel tanto na seleção quanto na coleta, tomando decisões sobre de que forma a notícia deve ser contada e enquadrada, agindo em paralelo com os cinegrafistas no momento de captura de imagens e entrevistas e, posteriormente, na elaboração do texto com os editores.

Alguns repórteres vão além do papel tradicional na televisão, que envolve apurar informações no local durante a gravação (Paternostro, 1999), pois realizam outras tarefas, substituindo ou complementando o trabalho dos produtores, sugerindo e também produzindo conteúdos que serão posteriormente abordados nos telejornais. Ou seja, desenvolvendo um papel ainda mais ativo no enquadramento noticioso (Campos, 2014).

É nesse instante, por exemplo, que temas ligados aos direitos humanos e às desigualdades sociais, que não são necessariamente assuntos factuais, podem ganhar destaque graças à vontade e persistência do próprio repórter em evidenciar essas questões. Para convencer os editores-chefes, eles, geralmente, utilizam valores-notícia de impacto (grandes quantias de dinheiro, número de pessoas envolvidas ou afetadas, etc.), conflito (reivindicação, protesto, etc.), tragédia

(interesse humano), conhecimento/cultura (informações de pesquisas) (Silva, 2005), lançando mão do enquadramento noticioso (Campos, 2014) e também buscando soluções, com procedimentos próprios, nos limites organizacionais (Tuchman, 1983). Ao fazer isso, os repórteres também dependem de fatores, como: o “dia noticioso” ou o equilíbrio dos assuntos na programação (Traquina, 2005), para que a proposta seja aceita naquela data.

O repórter é o profissional que pode ser o “escolhido” para apresentar o assunto à opinião pública e colocá-lo no debate. Pode ser ainda aquele que usa a própria força argumentativa, entendendo o momento certo de convencer seus superiores a colocar uma lupa em determinados temas ligados às políticas públicas (e a falta delas) na luta contra o aumento ou manutenção das desigualdades e, conseqüentemente, da subtração de direitos humanos básicos.

Ter um assunto rejeitado e insistir, em outro momento, para que seja veiculado, propondo um novo enquadramento para o mesmo, é algo que faz parte da rotina de muitos repórteres. Foi assim com Marcelo Canellas, já citado anteriormente. Foi buscando as “brechas” na agenda jornalística e reunindo argumentos que ele conseguiu produzir a série Fome no Brasil, uma das mais premiadas do telejornalismo brasileiro, exibida no Jornal Nacional.

No Memória Globo (2022), é relatada a luta do repórter para ter o assunto aceito pela direção de jornalismo da emissora:

Em 1998, o repórter havia procurado a direção de jornalismo da TV Globo e sugerido a pauta. O ponto de partida seria os 50 anos de publicação do livro ‘Geografia da Fome’, do professor Josué de Castro. Mas a proposta foi recusada. Durante três anos, o repórter reuniu material para argumentar que, embora a fome fosse um tema muito discutido no país, ainda havia muito a ser mostrado. A disposição do repórter e a qualidade da pesquisa acabaram convencendo a direção do jornalismo. (Memória Globo, 2022)

A série de reportagens foi ao ar em junho de 2001. E essa força argumentativa pode ser empregada nas reuniões de pauta, que são os momentos em que ocorre, nas redações, a seleção do que vai ou não ser noticiado. Alguns repórteres, como Marcelo Canellas e Sônia Bridi, entre outros, costumam direcionar o olhar dos editores para a escolha de determinados temas, elegendo o momento certo e o dia noticioso ideal para fazer a proposta de algum assunto. Por estarem entre colegas de trabalho, conhecem de perto os “óculos especiais” com os quais, segundo Bourdieu (1997, p. 25) “os jornalistas vêem certas coisas e não outras; e vêem

de certa maneira as coisas que vêem”. Eles usam os conhecimentos que possuem para auxiliar no convencimento durante o processo de definição do enquadramento noticioso. É o que faz, por exemplo, o também repórter Chico Regueira.

AS REPORTAGENS DE CHICO REGUEIRA

O jornalista Chico Regueira, da Rede Globo, é um dos repórteres que têm se destacado no Jornal Nacional, telejornal de maior audiência do Brasil, produzindo reportagens jornalísticas para as telas, voltadas para a temática dos direitos humanos básicos negados aos cidadãos do país. Os desafios enfrentados por milhões de brasileiros para obter uma alimentação saudável, o desemprego, as condições precárias de moradia, a falta de acesso à internet para obter benefícios e o aumento da pobreza têm sido temas de reportagens que o jornalista tem conseguido veicular em nível nacional nos últimos anos. Além disso, Regueira também realiza reportagens para jornais locais no Rio de Janeiro.

Ao contrário de Marcelo Canellas e Sônia Bridi, em função da inexistência de relatos diretos disponíveis em livros e na internet sobre o trabalho de Chico Regueira, lançamos mão de uma entrevista semi-estruturada (Duarte & Barros, 2005), realizada no dia 18 de maio de 2021, por videoconferência através do Google Meet, com o referido repórter. Entre as questões que procuramos compreender estava: a identificação do uso do dispositivo de brechas e a aplicação do enquadramento noticioso.

Chico Regueira enfatizou, na entrevista semiestruturada, qual o entendimento tem sobre o papel do repórter e como a partir de reportagens é possível mobilizar a sociedade.

O nosso papel não é mudar o mundo. O nosso papel é mostrar o mundo. O jornalismo é um canal de contação de histórias e de evidenciar as desigualdades, de evidenciar o mundo. É uma forma de você mostrar o mundo para as pessoas. Quem vai mudar o mundo é a sociedade. Somos todos nós. Nós não somos salvadores do mundo. Nós somos contadores de histórias do mundo. A diferença é que como a gente conta histórias para muitas pessoas, muitas vezes a história que a gente conta constrange os políticos, constrange o poder público inerte e aí eles acabam fazendo alguma coisa, porque foram expostos. (Entrevista com Regueira, Maio, 2021)

Ou seja, por meio da reportagem é possível chamar a atenção para o enquadramento que responde a pergunta feita por Goffman (2012): “O que está acontecendo aqui?”. E a partir desse ângulo, o repórter pode

trazer um ponto de vista de impacto social, que mexe com as estruturas de poder.

A respeito do processo de produção, o envolvimento do repórter em todas as fases é algo que chama a atenção: desde a elaboração da pauta, gravação e edição. “Eu me pauto diariamente. Tudo que eu levo para o ar são assuntos que eu apurei, que eu corri atrás, que eu investiguei e tal” (Entrevista com Regueira, Maio, 2021). Isso mostra que os assuntos abordados, geralmente, possuem a “assinatura” do repórter, que tem o interesse em visibilizar questões que nem sempre são da rotina diária e que, geralmente, estão relacionadas a denúncias contra os direitos humanos fundamentais. Aqui é importante destacar que o referido repórter tem um papel diferenciado em relação a maioria dos demais colegas de profissão da emissora, atuando de forma ativa e aprofundada na definição e estruturação do enquadramento noticioso (Campos, 2014). Chico Regueira exerce a função de repórter especial, o que lhe garante se afastar, com mais frequência, das pautas factuais diárias e buscar “brechas” para propor aquilo que acredita ser mais relevante, de maior impacto social.

Chico Regueira não só pauta, como “vende” as histórias aos editores-chefes e sabe a importância que o impacto (Silva, 2005) possui como valor-notícia no processo de convencimento: “Quando você tem uma baita história ou você tem uma notícia que é muito relevante, você coloca um ‘bode na sala’ [...]. A pessoa que vai decidir dar ou não dar ela tem uma responsabilidade muito maior em não dar aquilo. Dificilmente ela não dará” (Entrevista com Regueira, Maio, 2021). Ele relatou que já teve histórias que não foram aceitas e depois as analisou e percebeu que não tinham esse impacto em comparação com os demais assuntos do dia e que por isso foram rejeitadas.

A ATUAÇÃO DE CACO BARCELLOS E BIANKA CARVALHO

Outro repórter que se destaca também pelo envolvimento com o processo jornalístico, com a definição do enquadramento noticioso (Campos, 2014), e pelo esforço em levar ao público assuntos sociais que fogem da lógica factual das redações é Caco Barcellos. Em entrevista disponível na internet, o jornalista disse qual a sua motivação para retratar assuntos ligados aos direitos humanos. De acordo com ele, é muito grave viver em um país com este nível de desrespeito à vida e sofrimento, muito distante da situação dos privilegiados. “A indignação com essa anomalia me dá energia para continuar a contar histórias. Tenho uma expectativa ingênua em acreditar que o trabalho jornalístico pode ajudar as pessoas a tomar decisões mais humanitárias. É uma tentativa de distribuir empatia, que parece es-

tar em falta na nossa sociedade” (Candido, 2021, 28 de fevereiro).

Caco Barcellos cresceu na periferia de Porto Alegre e para ajudar a família, chegou a trabalhar como taxista. Em outra entrevista realizada pelo Núcleo de Estudos da Violência (NEV-USP) e disponibilizada no YouTube, o jornalista relatou que nem sempre os colegas de profissão compreendem o papel que desempenham e acabam, indiretamente, indo contra direitos fundamentais, especialmente, ao cobrir assuntos relacionados a casos de violência. Para ele, é uma realidade que parece um pouco paradoxal, porque de um lado ele vê colegas e muitos veículos bastante antenados, atentos aos crimes relacionados ao desrespeito aos direitos fundamentais e trabalhos brilhantes sendo realizados. Mas por outro lado, se no passado havia uma omissão, hoje, conforme Barcellos, parece haver colegas e veículos que apoiam o desrespeito aos direitos fundamentais, sobrepondo enquadramentos que vão em outra direção.

Eles não desrespeitam a lei, mas atribuem a violência somente a ação dos criminosos, supostamente agindo em ambiente favorável. [...] Assim como a gente tem uma sociedade que é a mais violenta do mundo, entre os países mais violentos, entre os povos mais violentos, a gente tem também uma das polícias mais violentas do mundo, se não a mais violenta do mundo. Então acho que é falso o argumento de que as nossas autoridades estão aí muito flexíveis no combate ao crime, ao criminoso habitual. (Núcleo de Estudos da Violência, 2020, 28 de Janeiro)

É como se alguns jornalistas, fazendo uma alusão ao uso de “óculos especiais” descritos por Bourdieu (1997), estivessem com a visão distorcida, vendo somente o factual, alguns explorando aspectos sensacionalistas, sem compreender o contexto das notícias retratadas, o que está por trás de cada história. E se não conseguem pensar no contexto, com toda a complexidade, não terão argumentos para criar brechas ou, se encontrá-las diante dos olhos, não saberão aproveitar.

Atualmente, Caco Barcellos coordena o programa Profissão Repórter, da Rede Globo, que possui exibição semanal, envolvendo jovens repórteres, que tem a missão de mostrar os bastidores e desafios durante a cobertura de assuntos que podem ter vertente factual (assunto da semana) ou não. Ou seja, trabalha em uma lógica que o afasta do telejornalismo diário.

Entretanto, cabe ressaltar, que, ao nosso ver, não é preciso ser repórter especial para desempenhar o telejornalismo de brechas. Um exemplo disso é o papel desempenhado pela jornalista Bianca Carvalho, que atua na Rede Globo Nordeste, emissora

própria da Rede Globo, no Recife, em Pernambuco. A repórter costuma realizar, na maior parte do tempo, entradas ao vivo nos telejornais locais e de rede. Ela desempenha o telejornalismo de brechas na rotina diária, exercendo o papel de levar luz a temas relacionados aos direitos fundamentais ao mostrar situações, chamar a atenção de autoridades e cobrar soluções.

Uma das características de Bianka Carvalho é não se contentar com respostas evasivas das fontes. Em entrevista feita a Abraji e disponibilizada no YouTube, a jornalista respondeu que:

Eu não me conformo com uma resposta que não me responde. [...] Eu pergunto uma coisa para você e você me responde pela metade. Ou você usa uma estratégia de me dizer uma outra coisa, que não é o que eu tô perguntando. Então, eu vou preparada, evidentemente, para que essa conversa, para que de fato obtenha resposta, porque se não qual o sentido de eu estar ali com você que vai me enrolar, me enrolar e me enrolar e não vai me dizer. Aí eu pergunto. Eu acho que é muito importante que a gente seja contundente e educado, sabe? (Abraji, 2021, 22 de Junho)

Diferentemente da reportagem, que possui edição posterior, na entrada ao vivo, é preciso ser rápido para encontrar brechas para trazer à tona questionamentos importantes e fazer ajustes que poderão levar a um novo enquadramento noticioso.

Bianka Carvalho relatou que se prepara diariamente, lendo, se informando do que está acontecendo. É preciso estar preparado para tudo e saber lidar com respostas que podem ser inesperadas. Foi o que ocorreu, por exemplo, no dia 14 de agosto de 2020, quando a repórter entrevistou o presidente da Associação dos Pais e Alunos das Escolas Públicas e Particulares de Pernambuco em um telejornal local da Globo Nordeste, o Bom Dia Pernambuco. O entrevistado disse que o isolamento social por conta da Covid-19 não tinha embasamento científico.

Eu não imaginava nunca que eu ia ouvir aquilo. De fato, foi uma surpresa. [...] E sabe aquela coisa que na hora você tem que rapidamente decidir o que você vai fazer. Se você vai deixar aquela pessoa propagar uma informação falsa na maior rede de televisão do país, uma das maiores do mundo... Vai deixar aquilo acontecer ali ou a gente vai rebater aquilo? Eu acho que é a minha função [...]. A gente tá aqui pra isso: explicar as coisas pras pessoas. Tentar ser formador de opinião de um jeito importante. [...] Quando eu ouvi o que estava acontecendo

eu disse: “Meu Deus eu não estou acreditando que eu tô ouvindo isso”. E na hora você tem que pegar aquilo que tem no teu “HD” mental. (Abraji, 2021, 22 de Junho)

Quando se referiu ao “HD”, estava justamente explicando a bagagem de informações que o repórter precisa ter previamente para rebater a desinformação, agindo com respeito e educação, mas sem deixar a contestação para depois.

O ao vivo, com o tempo muitas vezes cronometrado, e com a pressão do telejornal no ar, pode ser muito intimidador para alguns, mas para outros pode ser, justamente, o espaço ideal para trazer à tona questões que, ao passar pela ilha de edição, ao passar pelo filtro e sofrer influência pela sobreposição de diversos enquadramentos, serão cortados, terão seu impacto amenizado ou eliminado. Bianka Carvalho, ciente das brechas que o improvisado e as respostas, sem roteiro e sem cortes, podem revelar, explora sua arma: dispara perguntas e desvela distorções; e revela as fraturas e escolhe os enquadramentos noticiosos por onde o jornalismo com olhar social, humano e questionador pode passar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos, por meio da análise dos relatos dos repórteres Marcelo Canellas, Sônia Bridi, Chico Regueira, Caco Barcellos e Bianka Carvalho, encontrar os caminhos para responder o questionamento inicial proposto por este trabalho, de compreender como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras.

Identificamos como os mesmos atuam como interventores sociais e organizacionais dos assuntos noticiáveis e usam linguagem inclusiva, plural e democrática sem esquecer do foco na produção de sentido e na visualidade do jornalismo para telas. Não empregam novos valores-notícia, mas operacionalizam os já existentes com foco na reorganização de enquadramento das molduras temáticas como dispositivo de força para garantia de direitos e cidadania.

Identificamos que a preocupação em dar visibilidade aos direitos humanos acaba sendo algo natural ao longo do processo produtivo, pois faz parte do dia a dia do repórter e passa pelo entendimento de que os direitos humanos envolvem vários aspectos e que os ataques a eles estão relacionados a casos de violência, desigualdades sociais, falta de políticas públicas que auxiliem os cidadãos de maneira ampla, entre outros. O espírito do telejornalismo de brechas é desenvolvido

ao longo do processo produtivo, independentemente da função do repórter, se é um repórter especial ou que cobre o dia a dia e realiza entradas ao vivo.

Surge, muitas vezes, na oferta da pauta, com participação ativa do repórter, trazendo luz para assuntos que costumam fugir do jornalismo diário, influenciando diretamente o enquadramento noticioso. É exercitado também durante a gravação, seja pela condução da reportagem ou da entrada ao vivo com um olhar especial voltado para os direitos fundamentais, tanto durante a realização de entrevistas, respeitando os entrevistados, dando voz às pessoas e sabendo, quando necessário, ser também contundente, rebatendo de-sinformação e questionando autoridades.

O telejornalismo de brechas pode estar presente na edição, seja pela ação direta do repórter, como é o caso de Chico Regueira, que monta os conteúdos que grava nas ruas. Seja também pelo acompanhamento do repórter, após a gravação, envolvendo o editor responsável pelo material, na escolha das imagens e sonoras para que o resultado seja o mais próximo do ideal imaginado pela equipe que fez a captação. É a garantia de que a resposta para a pergunta “O que está acontecendo aqui?” (Goffman, 2014) seja mais próxima do enquadramento idealizado pela equipe de reportagem.

O telejornalismo de brechas pode ser empregado ainda por outros profissionais da redação, não somente o repórter. Pode estar na negociação da pauta, na abordagem, na escolha das fontes, no questionamento dessas fontes, na condução e nas explicações com a equipe de filmagem. Podem acionar o dispositivo,

na rotina diária, para encontrar os caminhos que levem a divulgação de assuntos voltados para os direitos básicos do cidadão, desde o motorista que conduz os profissionais na reportagem, o cinegrafista, passando pelo produtor, editor de texto e imagem, editor-chefe, entre outros profissionais.

Além da formação dos futuros jornalistas com olhar para os direitos humanos (Motta, 2008), entendemos que é preciso também uma formação que mostre os caminhos, na rotina diária, para que se saiba acionar o dispositivo de brechas no telejornalismo. Assim, é possível empregá-lo com mais facilidade. Compreendemos que a escolha por trazer luz a assuntos de direitos humanos é uma opção, mas sabemos também que pode fazer parte das práticas diárias, dependendo de um olhar mais aguçado e interessado do jornalista.

As atuais tecnologias de informação e comunicação, as plataformas e a rapidez nas conexões nos colocam em um lugar de visibilidade constante. Deturpar a abordagem sobre questões sociais, omitir ataques aos direitos fundamentais, é alimentar a descrença e deteriorar a credibilidade, ativo jornalístico fundamental para um negócio sustentável. As brechas são fundamentais para o fortalecimento das relações de confiança e do contrato fiduciário (Rodrigo-Alsina, 2009) com a audiência e se elas existem porque ainda são exceção, quiçá um dia sejam a regra para deixarem de ser brechas.

Submissão: 15/07/2023
Data de aceite: 15/02/2024

REFERÊNCIAS

- Abraji (2021, 22 de Junho). *Jornalismo Essencial - Diálogos | Bianka Carvalho* [Video]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU&ab_channel=Abraji
- Andrade, A. P. de, Pereira Junior, A. E. V., Siqueira, F., & Silva, L. J. C. da. (2023, maio). *Telejornalismo de brechas: as pautas sociais e os direitos humanos nos telejornais*. SBPJOR-2021. <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/telejornalismo-de-brechas-as-pautas-sociais-e-os-direitos-humanos-nos-telejornais?lang=pt-br>
- Bourdieu, P. (1997). *Sobre a televisão*. Jorge Zahar Ed.
- Breed, W. (2016). Controle social na redação: Uma análise funcional. In N. Traquina (Org.), *Jornalismos: questões, teorias e histórias* (pp. 213-231). Editora Insular.
- Bridi, S. (2020). Lugar de repórter é na rua. In C. Emerim, A. Pereira, & I. A. Coutinho (Eds.), *A (re)invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia* (pp. 219-222). Insular.
- Bucci, E. (2008). A imprensa e o dever de liberdade: a responsabilidade social do jornalismo em nossos dias. In G. Canela (Org.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (pp. 46-62). Editora Cortez.
- Cabral Neto, A. (1997). Democracia: velhas e novas controvérsias. *Estudos de Psicologia*, 2(2), 287-312. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000200005&lng=pt&tlng=pt.
- Campos, L. A. (2014). A identificação de enquadramentos através da análise de correspondências: um modelo analítico aplicado à controvérsia das ações afirmativas raciais na imprensa. *Opinião Pública*, 20 (3), 337-406. <https://doi.org/10.1590/1807-01912014203377>
- Candido, M. (2021, 28 de fevereiro). *O repórter*. UOL. <https://www.uol.com.br/ecoa/reportagens-especiais/caco-barcellos-a-indignacao-me-da-energia-para-contar-historias/#cover>
- Canela, G. (Ed.). (2008). *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. Editora Cortez.
- Canellas, M. (2008). Nem imparcial, nem engajado: o repórter como artífice da notícia. In C. Guilherme (Org.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo* (pp. 104-114). Cortez Editora.
- Catto, A. (2023, 13 de Abril). *Aumento da desigualdade: 10% mais ricos ganham 31 vezes o salário dos mais pobres nas regiões metropolitanas, diz estudo*. g1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/04/13/aumento-da-desigualdade-10percent-mais-ricos-ganham-31-vezes-o-salario-dos-mais-pobres-nas-regioes-metropolitanas-diz-estudo.ghtml>
- Carvalho, B. (2021, 22 de Junho). *Jornalismo Essencial - Diálogos | Bianka Carvalho*. Abraji. Streaming Service. <https://www.youtube.com/watch?v=MCcLUPCE-eU>.
- Cerqueira, L. (2018a). *A função pedagógica do Telejornalismo*. Insular.
- Cerqueira (2018b). No espaço midiático digital, o indivíduo está bêbado de si mesmo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 15(1), 165-173. <http://dx.doi.org/10.5007/19846924.2018v15n1p165>
- Curado, O (2002). *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. Alegro.
- Coutinho, I., & Mata, J. (2008). Um telejornal e um método para chamar de nossos: uma reflexão sobre telas, fronteiras e modos de olhar. <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1423/707>
- Coutinho, I. (2016). O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>
- Duarte, J., & Barros, A. (2005). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. Atlas.
- Emerim, C. (2017). Telejornalismo ou jornalismo para telas: a proposta de um campo de estudos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, 14(2), 113-126. <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p113>
- Emerim, C., Pereira, A., & Coutinho, I. A. (2020). *A (re) invenção do Telejornalismo em tempos de pandemia*. Insular.
- Entman, R. (1993). Framing: toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication*, 43(4), 51-58. <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>
- Figaro, R. (2020). Regime de publicação, cronotopo e instâncias de seleção, composição e circulação: categorias teórico-metodológicas de análise da produção jornalística dos arranjos nativos digitais. <https://www.eca.usp.br/acer-vo/producao-academica/003026356.pdf>.
- Franciscato, C. E., & Góes, J. C. (2012). Contribuições da teoria do enquadramento para compreender o sensacionalismo no jornalismo. *Anímus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, 11(22).
- Goffman, E. (2012). *Os Quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise*. Vozes.
- Gonçalves, T. (2005). A abordagem do enquadramento nos estudos do jornalismo. *Caleidoscópio - Revista de Comunicação e Cultura*, 5(6). <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/2605>
- Goulart de Andrade (2021). *Entre crenças e ecrãs: comunidade transterritorial, telejornais e webtelas de Portugal*. [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica – PUC Rio]. Biblioteca Digital PUC-Rio.
- Machado, A. (2003). *A televisão levada a sério*. Editora Senac.
- McCombs, M. (2009). *A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública*. Editora Vozes.
- Memória Globo (2021a, 28 de Outubro). *Sônia Bridi*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/sonia-bridid/noticia/sonia-bridid.ghtml>.
- Memória Globo (2021b, 28 de outubro). *Marcelo Canellas*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/marcelo-canellas/noticia/marcelo-canellas.ghtml>.
- Memória Globo (2021c, 29 de Outubro). *Caco Barcellos*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/caco-barcellos/noticia/caco-barcellos.ghtml>.
- Memória Globo (2022, 12 de Janeiro). *Fome no Brasil*. Memória Globo. memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/fome-no-brasil.ghtml.

- Memória Globo (2023, 17 de Fevereiro). *Papo de rua*. Memória Globo. <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/rjtv/noticia/papo-de-rua.ghtml>.
- Mesquita, G. (2013). *Intervenho, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital UFPE.
- Michaelis (2023). *Brecha*. uol. <https://michaelis.uol.com.br/palavra/XzBo/brecha/>.
- Monteiro, R. A. P., & Castro, L. R. (2008). A concepção de cidadania como conjunto de direitos e sua implicação para a cidadania de crianças e jovens. *Revista Psicologia Política*, 8(16), 271-284. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200006.
- Moraes, F. (2022). *A pauta é uma arma de combate: subjetividade prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial.
- Motta, L. G. (2008). E agora? Urgente colocar o social no centro da pauta jornalística. In G. Canela (Ed.), *Políticas públicas sociais e os desafios para o jornalismo*. Editora Cortez.
- Moya, J. A. Gaitán, & Raigada, J. L. P. (2010). *Técnica de investigación en comunicación social: elaboración y registro de datos*. Editorial Síntesis.
- Musse, C. F., & Musse, M. F. (2010). A Entrevista no telejornalismo e no documentário: possibilidades e limitações. *RuMoRes*, 4(8). <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2010.51209>.
- Nichols, B. (2007). *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papirus.
- Núcleo de Estudos da Violência (2020, 28 de Janeiro). *Bruno Paes Manso entrevista Caco Barcellos sobre jornalismo e Direitos Humanos* [Vídeo]. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=IGZ4wPoKUY4>
- Paternostro, V. I. (1999). *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Campus.
- Pena, F. (2005). *Teorias do Jornalismo*. Contexto, 2005.
- Premio Roche (2020). *Bianka Cavalcanti de Carvalho*. Prêmio Roche. <https://premiorrochedeperiodismo.com/pt-br/personas/bianka-cavalcanti-de-carvalho/#:~:text=Formada%20em%20Jornalismo%20desde%201994,Tacaruna%2C%20em%20mar%C3%A7o%20de%202014>.
- Priberam (2023). *Brecha*. Priberam Dicionário. <https://dicionario.priberam.org/brecha>.
- Regueira, C. (2021, 18 de maio). *Entrevista com Chico Regueira* [Entrevista]. Google Meet.
- Rodrigo-Alsina, M. (2009). *A construção da notícia*. Vozes.
- Ruiz, C. (2008). *La agonía do cuarto poder: prensa contra democracia*. Trípodos.
- Sasse, Cíntia (2021, 12 de Março). *Recordista em desigualdade, país estuda alternativas para ajudar os mais pobres*. Agência Senado. <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>.
- Silva, G. (2005). Para pensar critérios de noticiabilidade. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, 2(1), 95-107. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091>.
- Siqueira, F. C. de. (2013). *O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia: o flagrante único de coprodução no telejornalismo*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Pernambuco]. Biblioteca Digital UFPE.
- Siqueira, F., & Monteiro, P. (2020). *Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na Internet*. Editora da UFPB.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo*. Insular.
- Traquina, N. (Org.). (2016). *Jornalimos: questões, teorias e estórias*. Editora Insular.
- Tuchman, G. (1983). *La producción de la noticia: estudio sobre la construcción de la realidad*. Gilli.
- Vizeu, A., & Correia, J. C. (2007). A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In A. Vizeu (Ed.), *A sociedade do telejornalismo*. Vozes.
- Vizeu, A. (2014). *Decidindo o que é notícia*. EdIPUCRS.
- Valor Online (2023, May 11). *Desigualdade recua em 2022 ao menor nível da série histórica, com Auxílio Brasil e emprego, diz IBGE*. g1. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2023/05/11/desigualdade-recua-em-2022-ao-menor-nivel-da-serie-historica-com-auxilio-brasil-e-emprego-diz-ibge.ghtml>
- Williams, R (2016). *Televisão: tecnologia e forma cultural*. Boitempo.
- Wolf, M. (2003). *Teorias da comunicação de massa*. Martins Fontes.



Telejornalismo de brechas: a luta para colocar as desigualdades sociais e os direitos humanos nas telas

Teleperiodismo de brechas: la lucha por poner las desigualdades sociales y los derechos humanos en las pantallas

Finding Gaps in Television Journalism: the Fight to Put Social Inequalities and Human Rights on the Screen

Le journalisme télévisé de brèches : une lutte pour porter à l'écran les inégalités sociales et les droits humains

Pt. Mesmo com adoção de políticas públicas e ações emergenciais, nos últimos anos, o Brasil continua entre os países mais desiguais do mundo. Há escancarada carência de serviços públicos básicos, com inevitável subtração de direitos, como: moradia, serviços de saúde, educação de qualidade, segurança para ir e vir e salário suficiente para sobrevivência digna. Neste artigo, buscamos refletir sobre a importância do telejornalismo para expor, revelar e exigir ações de autoridades e do poder público. Porém, Lembramos, no entanto, que nem sempre aquilo que o telejornalista propõe como assunto de interesse público, fora da lógica factual diária, é selecionado nas redações, pois há entraves, como conveniências econômicas e políticas do veículo de comunicação e normas editoriais que impõem barreiras. Existem ainda questões estruturais e financeiras, aspectos de luta por espaço e audiência. Este trabalho parte de uma questão: como telejornalistas encontram brechas nas rotinas produtivas para emplacar no formato de reportagens o debate mais aprofundado sobre as desigualdades socioeconômicas brasileiras? Nosso objetivo é explorar o conceito que denominamos de telejornalismo de brechas: um dispositivo acionado para vencer os obstáculos intencionais ou as barreiras orgânicas das redações, buscando espaço dentro do campo jornalístico, para levar ao conhecimento do público assuntos, temas, contextos, conflitos necessários ao entendimento das nossas injustiças sociais e desigualdades socioeconômicas. Para analisar o uso do dispositivo do telejornalismo de brechas foi utilizada como base as Teorias do Enquadramento e do Newsmaking. A noção de enquadramento noticioso foi aplicada a partir dos relatos e entrevistas semiestruturadas sobre as rotinas produtivas dos repórteres Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi e Marcelo Canellas. O telejornalismo de brechas se revelou um dispositivo coletivo, que vai da ideia da pauta à edição, marcado pela consciência da necessidade de usar o telejornalismo como um instrumento de transformação social.

Palavras-chave: telejornalismo; repórter; telejornalismo de brechas; direitos humanos

Es Pese a la adopción de políticas públicas y acciones de emergencia en los últimos años, Brasil sigue entre los países más desiguales del mundo. Hay una flagrante carencia de servicios públicos básicos, con inevitable sustracción de derechos como vivienda, servicios de salud, educación de calidad, seguridad para ir y venir y salario suficiente para una supervivencia digna. En este artículo buscamos reflexionar sobre la importancia del teleperiodismo para exponer, revelar y exigir la actuación de las autoridades y del poder público. Sin embargo, debemos recordar que lo que el teleperiodista propone como asunto de interés público, fuera de la lógica factual diaria, no siempre es seleccionado en las redacciones porque existen obstáculos como conveniencias económicas y políticas del medio de comunicación, además de barreras impuestas por normas editoriales. También hay cuestiones estructurales y económicas, aspectos de lucha por espacio y audiencia. Este trabajo parte de una pregunta: ¿cómo los teleperiodistas encuentran brechas en las rutinas productivas para lograr, en formato de reportajes, un debate más profundo sobre las desigualdades socioeconómicas brasileñas? Nuestro objetivo es explorar el concepto que denominamos teleperiodismo de brechas, un dispositivo accionado para superar los obstáculos intencionales o las barreras orgánicas de las redacciones, buscando espacio dentro del campo periodístico para llevar al conocimiento del público asuntos, temas, contextos y conflictos necesarios para comprender nuestras injusticias sociales y desigualdades socioeconómicas. Se utilizaron las teorías del framing y del newsmaking para analizar el uso del dispositivo del teleperiodismo de brechas. La noción de framing noticioso se aplicó a partir de los relatos y entrevistas semiestructuradas sobre las rutinas productivas de los reporteros Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi y Marcelo Canellas. El teleperiodismo de brechas se reveló como un dispositivo colectivo, que va desde la asignación de noticias hasta la edición, marcado por la conciencia de la necesidad de utilizar el teleperiodismo como un instrumento de transformación social.

Palabras clave: teleperiodismo; reportero; teleperiodismo de brechas; derechos humanos

En Even after adopting public policies and emergency actions in recent years, Brazil is still one of the most unequal countries in the world. There is a glaring lack of basic public services coupled with an inevitable loss of rights related to housing, health services, quality education, safety, and a living wage that does not provide a decent way of life. In this article, we reflect on the importance of television journalism in exposing, revealing, and demanding action from authorities and public authorities. However, even though a television journalist may present a certain subject as being of public interest, newsrooms do not always select that subject due to obstacles or barriers such as the economic and political conveniences of media outlets or editorial rules. There are also structural and financial issues involved in competing for space and audience. This paper starts by addressing the following question: How do television journalists find the space in production routines to introduce more in-depth reports on Brazilian socioeconomic inequalities? Our objective is to explore a concept we call gap journalism: an idea to overcome intentional obstacles or organic barriers in newsrooms, to have journalism bring issues, themes, contexts, and disputes to the public's attention that help understand our social injustices and socioeconomic inequalities. We used Framing and Newsmaking Theories to analyze gap journalism. The news framing was based on reports and semi-structured interviews about the production routines of reporters Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi and Marcelo Canellas. Gap television journalism is a collective idea, from the agenda to editing, and is characterized by an awareness of the need to use television journalism as an instrument of social change.

Key Words: telejournalism; reporter; gap television journalism; human rights

Fr Malgré les politiques publiques et les mesures d'urgence adoptées ces dernières années, le Brésil demeure l'un des pays les plus inégalitaires au monde. Les lacunes en matière de services publics de base sont criantes et se répercutent inévitablement sur des droits tels que ceux au logement, aux services de santé, à une éducation de qualité, à la sécurité d'aller et venir et à un salaire suffisant pour vivre dignement. Cet article présente une réflexion sur l'importance du journalisme télévisé pour exposer, révéler et exiger des actions de la part des autorités et des pouvoirs publics. Rappelons toutefois que ce que le journaliste TV propose comme sujet d'intérêt public, au-delà de la logique quotidienne des faits, n'est pas forcément sélectionné dans les salles de rédaction. En effet, d'autres éléments entrent en ligne de compte et font obstacle, tels que les convenances économiques et politiques du groupe de communication et les normes éditoriales. S'y ajoutent des questions structurelles et financières, ainsi que des enjeux liés à la lutte pour l'espace et l'audience. Ce travail part de la question suivante : comment les journalistes de télévision parviennent-ils à ouvrir des brèches dans leurs routines de production pour promouvoir, dans leurs reportages, un débat plus approfondi sur les inégalités socio-économiques brésiliennes ? Notre objectif est d'explorer le concept que nous appelons « journalisme télévisé de brèches » : un dispositif mis en œuvre pour surmonter les obstacles intentionnels ou les barrières structurelles des rédactions, en quête d'un espace au sein du champ journalistique pour porter à la connaissance du public les sujets, les thèmes, les contextes et les conflits nécessaires à la compréhension de nos injustices sociales et de nos inégalités socio-économiques. Pour analyser la façon dont ce dispositif du « journalisme télévisé de brèches » est utilisé, nous nous sommes appuyés sur les théories du cadrage et du *newsmaking*. La notion de cadrage de l'actualité a été appliquée en partant de récits et d'entretiens semi-structurés sur les routines de production des reporters Chico Regueira, Bianka Carvalho, Caco Barcellos, Sônia Bridi et Marcelo Canellas. Il apparaît que le journalisme TV de brèches est un dispositif collectif, allant de l'idée de sujet jusqu'au montage, marqué par la prise de conscience de la nécessité d'utiliser le journalisme télévisé comme instrument de transformation sociale.

Mots clés : journalisme télévisé ; reporter ; journalisme télévisé de brèches ; droits humains

